



PIBID UNISC LETRAS PORTUGUÊS E SUA RELAÇÃO COM BIBLIOTECAS ESCOLARES DA REDE PÚBLICA DE SANTA CRUZ DO SUL: EM BUSCA DAS BIBLIOTECAS VIVAS

**Fernando Müller Krebs¹
Ádria Grazielle Pinto²**

**...
Orientadora: Ângela Cogo Fronckowiak³**

Eixos Temáticos: Iniciação à Docência e Gestão Escolar

Resumo expandido:

Este trabalho é fruto de mais de quatro anos de atuação do grupo de Letras Português, do PIBID/UNISC, em projetos de revitalização de bibliotecas em escolas da rede pública de Santa Cruz do Sul. As atuações de diversos bolsistas ao longo desses anos nos permitiram repensar o que significa biblioteca, incentivo à leitura e práticas pedagógicas em um contexto estreitamente afetado pela organização do espaço, pela falta de orientação acerca do livro didático e pela ausência de profissionais capacitados para o cuidado com o ambiente. Neste resumo, compartilhamos reflexões sobre a relação entre a biblioteca e o incentivo à leitura no âmbito escolar, tomando como base os estudos de Magda Soares (2011) sobre a escolarização da literatura; os conceitos de *oralizar, ler e dizer*, de Elie Bajard (2001); e as concepções de *fazer poético*, de Paul Valéry (2011), de *experiência*, de Jorge Larrosa (2014), e de *jogo e lúdico*, de Johan Huizinga (2004). Portanto, focamos este trabalho em aspectos relativos a três eixos: a escolarização da biblioteca; a questão do acúmulo de livros didáticos; e como uma biblioteca escolar pode ser imaginada e construída.

Ao conhecermos a estrutura das bibliotecas nas escolas em que as atividades foram desenvolvidas, rapidamente constatamos que as estratégias de escolarização mencionadas

¹ UNISC, graduando em Letras Português, kphernando@gmail.com *

² UNISC, mestranda em Leitura e Cognição, CAPES, adriagrazielle.13@gmail.com *

³ Doutora em Educação (UFRGS), UNISC, acf@unisc.br *



por Magda Soares (2011) se faziam presentes, tanto no que diz respeito à organização do local e ao tempo de acesso dos leitores aos livros e à leitura, quanto à pré-seleção de livros pelos docentes e aos rituais de apreciação – que amiúde envolvem a exigência de fichas de leitura obrigatórias e formas supostamente corretas de como se deve ler. Ou seja, além de os alunos não terem liberdade para descobrir e escolher que tipo de leitura querem realizar, eles também sofrem imposições que os restringem fisicamente: seus corpos são obrigados a respeitar o espaço e o tempo delimitados pela biblioteca e pelo professor - que, muitas vezes, determina até a “postura correta” para que se leia um livro.

É bastante comum encontrarmos bibliotecas escolares em espaços mal adaptados, mal iluminados, que nada têm de atrativo para os estudantes - fatores que, sem dúvida, são cruciais para a construção de um ambiente capaz de cativar seus frequentadores -, entretanto, para além disso, permanece a questão de como esse espaço é ocupado. No caso das escolas que tratamos, o primeiro - e quase imediato - obstáculo que encontramos foi um número impressionante de livros didáticos (novos e velhos) abarrotando as prateleiras e quaisquer outros espaços disponíveis nas bibliotecas. Esse acúmulo de livros (raramente utilizados) prejudica a organização e a visualização das demais obras que compõem o acervo, o que acaba caracterizando mais uma barreira entre o aluno e o livro de literatura (além de tornar o ambiente da biblioteca muito mais “pesado” e “desinteressante”, ao invés de um lugar no qual poderia acontecer o encantamento por meio da leitura).

Quando nos referimos ao espaço físico da biblioteca escolar, por mais que ressaltemos o imbróglgio provocado pela questão do acúmulo de livros didáticos, alguns aspectos que podem parecer triviais e sem importância aos olhares mais apressados também devem ser levados muito a sério. Estamos falando da necessidade de um bom planejamento (projeto) estético do local destinado à biblioteca escolar, ou seja: paredes, janelas, ventilação, iluminação, pintura (cores), mobiliário e a constante manutenção dessa estrutura. É inegável que um espaço esteticamente mais bonito e harmonioso gera um ambiente capaz de proporcionar sensação de maior acolhimento e bem-estar, atuando, dessa forma, sobre o estado anímico das pessoas que por ele transitam.



Quando se fala na necessidade da criação de um “cantinho” para a leitura, com sofás, tapetes e almofadas, dentro da biblioteca, o que está em jogo vai além do embelezamento do local, pois o que se quer é a criação de uma atmosfera, de um lugar dotado das potencialidades latentes para o acontecimento do jogo/lúdico e da experiência, cada vez mais difícil nos dias de hoje e, talvez, justamente por isso, tão necessária.

A experiência que Larrosa (2014) propõe encontra-se diretamente ligada à possibilidade do viver poético através da experimentação. Portanto, é necessário expor o sujeito a situações que contrariem sua rotina. Para que a biblioteca possa se constituir como um lugar propício à experiência, afastando-se da triste imagem de depósito de livros, e não de cultura, velhos paradigmas precisam ser derrubados, a fim de oportunizar a convergência entre sujeito e linguagem. É necessário, além da revitalização da estrutura física da biblioteca, como já mencionamos, que se permita a resignificação dos valores determinados, de maneira inautêntica, pela má escolarização.

Consideramos que a escola pode oferecer aos estudantes a possibilidade dessa experiência; que as comunidades escolares podem realizar esforços nesse sentido e trabalharem para que suas bibliotecas sejam capazes de acolher os alunos em espaços que lhes transportem para outras “realidades”, para vivências ainda desconhecidas e que, provavelmente, os próprios educandos sequer imaginam que possam estar “guardadas” dentro de uma biblioteca. A criação de um ambiente convidativo para que se descubra e aprofunde o prazer da leitura contribuirá, com o passar do tempo, para que os estudantes ampliem seus interesses e frequentem a biblioteca não somente por causa dos livros, mas também por outras formas de linguagem e interação.

Nossas experiências iniciais na interlocução com escolas estaduais e municipais da região nos expuseram ao ciclo recorrente já explicitado. A expectativa era a de que pudessemos ensinar às crianças e aos jovens aquilo que seus textos ainda não tinham e intensificar seu letramento mantendo a lógica prescritiva de mensurar seus fracassos em termos de compreensão, interpretação e leitura na relação direta com suas habilidades – na verdade inabilidades – com a linguagem escrita. Na prática, salvo algumas exceções, o que confirmamos foi que a lógica de organização de tempos, espaços e ações nos ambientes



educativos nem sempre se mostra produtiva para a construção de um pensamento investigativo e curioso no que tange à produção escrita e à seleção e leitura de textos. A principal consequência das situações observadas e vivenciadas nas escolas é que as bibliotecas acabam impossibilitadas de desempenhar o que talvez seja seu papel primordial: a constituição de um local voltado para o acontecimento do lúdico, do encontro dos alunos com os universos da leitura e da imaginação, e da protagonização de experiências particulares e coletivas com as variadas formas de linguagem.

Mesmo que importante, a biblioteca escolar não deve cumprir somente um papel didático-pedagógico, servindo de apoio para o programa dos professores. Ela pode ir muito além dessa única função, afinal, o eixo cultural no qual ela se apoia é primordial e funciona como um elo entre o ambiente escolar e o mundo. Em poucas palavras: a biblioteca precisa ser lugar de conversas, discussão de livros e leituras, círculos literários, jogos, ensaios, grupos de pesquisa, dentre outras atividades e – é claro, por que não? – ser também o espaço para o “doce fazer nada”, o ócio, o “ficar de pernas para o ar”, aguardando, quem sabe, “o grande acontecimento inesperado”.

Enfim, a biblioteca escolar que imaginamos é participante e ativa no processo educacional; planeja atividades curriculares em conjunto com outras demandas da escola; relaciona-se livremente com todas as disciplinas e complementa a informação estudada em classe; promove atividades que não estejam vinculadas a padrões ou metas preestabelecidas, mas que incentivam os estudantes a realizarem suas próprias descobertas, seus particulares aprendizados; ou seja, está inserida na dinâmica da instituição e colabora com o crescimento da comunidade. Uma biblioteca descontraída, que atrai leitores e oferece elementos que promovem a apreciação literária, a avaliação estética e que favorece o contato entre alunos de diferentes idades. Uma biblioteca para leitores solidários e não de leituras solitárias. Uma biblioteca que se torna múltipla e desempenha muito mais papéis que o de um mero depósito onde se retiram livros que depois são devolvidos. Uma biblioteca viva.



PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca escolar. Letramento literário. Formação de professores.

REFERÊNCIAS

BAJARD, E. **Ler e dizer:** compreensão e comunicação do texto escrito. 3. ed. São João: Cortez, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, M. B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In:_____. EVANGELISTA, A., et al. (Orgs.). **A escolarização da literatura:** O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VALÉRY, P. Primeira aula do curso de poética. In:_____. **Variedades.** São Paulo: Iluminuras, 2011.